

PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS E O DEBATE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO COTIDIANO DA ESCOLA



"Oh professora!... Daniel 'tava' no banheiro das meninas, isto pode?"

Esta fala surgiu de um estudante do 2º ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro, na qual realizei estágio supervisionado de observação como requisito do curso de pedagogia. Daniel é uma pessoa classificada como "diferente". Vive um conflito de gênero intenso. Foi identificado menino ao nascer, pois de acordo com o discurso médico/biológico os sexos possíveis são somente dois (masculino e feminino). Daniel, neste contexto, como toda pessoa designada menino ao nascer, possui um pênis. Este fato deveria determinar seus comportamentos, suas atitudes e seu papel, neste caso, masculino, de viver em sociedade. Porém, diferentemente da maioria dos outros meninos, Daniel não se identifica como pertencente ao gênero masculino

e não utiliza vestimentas apropriadas, gosta de ser chamado pelo nome de Joyce e procura ocupar todos os espaços designados para as meninas, como o banheiro.

A partir desse exemplo, podemos pensar nas nossas identidades, sobre aquilo que nelas é fixo e o que não é, nas negociações de sentidos que se dão ao longo do nosso processo de formação.

Segundo Stuart Hall (2006), nossas identidades estão em constante mutação e vivemos um “processo em andamento” permanente. Daniel está se reconhecendo mulher e, juntamente com esse reconhecimento, ele sabe que vem todo o processo discriminatório sofrido pelos sujeitos de identidades ditas desviantes da norma. Entretanto, ele não hesita ou mesmo nega sua “suposta” identidade de gênero por causa dos comentários ou preconceitos dos colegas. A fase da adolescência é marcada por conflitos e descobertas e Daniel não é diferente de outros adolescentes. Precisa, como todo ser humano, estar livre para vivenciar todas as etapas e situações que produzem sua identidade de gênero e orientação sexual, sem repressões.

Consciente dos problemas que envolvem a questão que emerge da indagação do aluno, a professora resolve no dia seguinte mostrar um vídeo para a turma. Este é um curta francês de Alain Berliner chamado “Minha vida em cor-de-rosa (Ma vie en Rose)” onde a personagem principal, Ludovic, de sete anos, se identifica como pertencente ao gênero feminino e sua forma de estar-no-mundo condiz com o gênero citado, sendo classificável, portanto, como uma transexual. O vídeo mostra o conflito permanente dos pais que não compreendem a condição da(o) filha(o) e tentam, de todas as formas, reprimi-la.

Com esta iniciativa, a professora evidencia seu reconhecimento de que a discussão de gênero e sexualidade necessita estar presente no cotidiano da escola, porque a problemática envolvida no comportamento de Daniel envolve pré-conceitos produzidos sócio-historicamente em que os sujeitos com pênis devem assumir um determinado comportamento e sujeitos com

vagina outros e outras dimensões sociais, políticas, éticas e morais que envolvem os gêneros e as relações entre eles. A condição de Daniel, provavelmente uma identidade de gênero travesti ou transexual, não pode ser invisibilizada ou negada porque privilegiamos na nossa sociedade um discurso de binarismos sexuais. O debate das possibilidades da experiência de gênero tem de estar presente no cotidiano escolar, como se coloca socialmente.

Reconheço na prática desta professora um caráter emancipatório por trazer para a escola um debate socialmente relevante, desinvisibilizando um problema social para além dos discursos oficiais que envolvem os conteúdos formais de ensino. O contato com o debate sobre a sexualidade amplia as redes de saberes tecidas pelos alunos, incorporando a elas aprendizagens não-formais e socialmente relevantes na luta contra os preconceitos e processos discriminatórios que os acompanham. As diferentes experiências de gênero estão presentes no cotidiano escolar, porém de maneira invisível. A discussão ainda encontra muitos obstáculos e estranhamentos por parte da comunidade escolar, mas percebemos, a partir desse relato, que práticas emancipatórias existem e precisam ser multiplicadas.

.....

Sobre o (a) autor (a):

✓ Diogo Vieira do Nascimento: Graduando em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ex-bolsista PIBIC/UERJ. Integrante do grupo de pesquisa "Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar".